

A FRACO-MAÇONARIA E A IGREJA GREGA
La Franc-Maçonnerie et l'Église Grecque

Nésiotès Eutybios

Tradução

Cídio Lopes de Almeida
Doutorando em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES

Nésiotès Eutybios. La franc-maçonnerie et l'Église grecque. In: *Échos d'Orient*, tome 15, n°95, 1912. pp. 333-341. DOI : <https://doi.org/10.3406/rebyz.1912.3998> Disponível em: www.persee.fr/doc/rebyz_1146-9447_1912_num_15_95_3998

EUTYCHIOS, N. A Franco-Maçonaria e Igreja Grega. Trad. Cídio Lopes de Almeida. AMF3 Escola de Filosofia : São Paulo. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/a-fraco-maconaria-e-a-igreja-grega> . Acesso em: (dd/mm/aaaa)

Foi no século XVIII, pelo menos em sua forma moderna, que a maçonaria tomou um desenvolvimento sério no Ocidente. Já em 1738, foi condenada pelo Papa Clemente XII, condenação renovada em 1751 pelo Papa Bento XIV, e desde então, frequentemente, pelos sucessores desses pontífices. Na mesma época, a seita fez sua aparição no Oriente, onde a ortodoxia, em acordo com a Igreja Romana, também não lhe deu uma recepção muito calorosa.

Somos informados sobre isso por dois documentos contemporâneos. O primeiro é um curioso trecho do Βίβλος βασιλειών [Bíblōs Basileíōn = Livro dos Reis¹] de Constantin Dapontès.

Constantino sucedeu seu pai em 1739 como cônsul da Inglaterra para a ilha de Scopelos e suas dependências. Em suas relações comuns com os comerciantes ingleses, ele provavelmente recebeu informações sobre a maçonaria. Assim, no sexto livro do poema mencionado, ele pôde adicionar uma longa nota sobre a "heresia dos construtores ou maçons" (em grego: "κονιάτων ήγουν των φαρασόνιδων" - koniaton egoun ton pharasónidon); ele descreve em detalhes a iniciação de um novo membro e depois acrescenta²:

¹ A transliteração do grego para o alfabeto latino e posterior tradução para o português consta apenas na nossa tradução. No original em francês consta apenas o texto grego em alfabeto grego.

² Constantin Dapontes, Βίβλος βασιλειών, l. VI, citado por Alexandre de Lavra, Ποικίλη ιστορία, in Νεολόγου έβδομιαία έπιθεώρν, σις, t. II, p. 1008. Sob esse título, vários trechos inéditos de Dapontes. Sobre Dapontes, veja a nota de E. Legrand, Ephémérides Daces. Paris, 1898, t. III, p. ix-lxxxiv, o prólogo de Gabriel Sophocles, em sua edição de Κήπος χαρίτων de Dapontes. Atenas, 1880; o artigo Dapontes, por Mer L. Petit, in Vacant-Mangenot, Dictionnaire de théologie catholique, t. IV, col. 140.

A Sociedade foi denunciada à Grande Igreja durante o patriarcado de Paísios, pelo metropolitano de Esmirna, Néophyte, os construtores (crépisseurs) tendo invadido essa cidade. Néophyte proferiu vários discursos contra eles e lançou terríveis anátemas contra aqueles que os frequentassem, considerando sua sociedade secreta como uma demonolatria. Dos construtores em Esmirna, eles se dirigiram a Constantinopla, a Galata, onde conquistaram alguns seguidores, mas foram expulsos pelas autoridades... Foi em 1747 que esses construtores se estabeleceram em Esmirna.

Por outro lado, o Sr. Gédéon³ nos diz ter lido em um manuscrito do Monte Athos que, em 1744 ou 1745, quando a Grande Igreja tomou conhecimento da fundação de uma Loja em Galata, uma carta sinodal condenou a Sociedade Secreta. Em um artigo sobre a Igreja e a ciência no século XVIII⁴, ele é mais explícito:

Em 1744, foi estabelecida em Galata, Constantinopla, a primeira Loja de maçons, que Césaire Dapontès, que nos deixou algumas informações sobre eles em um manuscrito inédito, chama de "crepisseurs". Os membros desta Loja, ao chamarem a atenção da Grande Igreja, foram condenados pelo patriarca Paísios, ex-metropolitano de Nicomédia. Cartas patriarcais sobre eles foram enviadas de todos os lados, mas nenhuma delas chegou ao nosso conhecimento.

A carta ou cartas de Paísios, se foram escritas, como é provável, devem ter sido escritas nos primeiros meses de 1748, que é o último ano do terceiro patriarcado de Paísios II.

O documento que vamos apresentar abaixo confirma, de fato, os dados de Dapontès. Trata-se de uma carta (2) do conde des Alleurs (3), embaixador de Luís XV em Constantinopla, para o marquês de Puyzieulx. Vamos transcrevê-la na íntegra:

Constantinopla, 24 de novembro de 1748.

Senhor, devo informar-lhe sobre algo bastante peculiar que aconteceu em relação aos maçons. Vários comerciantes ingleses dessa ordem tentaram envolver outros comerciantes franceses nessa confraria, e acredito que tenham conseguido. A assembleia geral acontecia em Pera, na casa de um intérprete inglês. O Arcebispo de Cartago e o Abade Barrestrelly, vigário de Esmirna, vieram me pedir para interromper essas reuniões, proibidas por uma bula do Papa que excomungava os maçons. Ele me pediu minha opinião sobre o que ele deveria fazer em

³ M. Gédéon, Πατριαρχικοί πίνακες. Constantinople, 1887, p. 641.

⁴ Dans 'Εκκλησιαστική αλήθεια, t. VIII, 1887, p. 283.

cumprimento às ordens rigorosas que ele recebeu da corte de Roma a esse respeito. Eu disse a ele que falaria com o representante da nação francesa, a quem eu ordenaria que proibisse qualquer reunião desse tipo; além disso, não aconselhava que ele fizesse um grande escândalo, por causa dos ingleses e holandeses, que não seriam intimidados pela bula e, ao contrário, se empenhariam em buscar prosélitos.

Mais ou menos na mesma época, chegou aqui o Sr. de Balone, cujos negócios na França não estão indo bem, e ele esperava encontrar recursos em Constantinopla para restabelecê-los. Não sabendo onde se hospedar em Pera, como a casa do intérprete inglês estava vazia, ofereceram-lhe um lugar para ficar nessa casa, o que ele aceitou. Nesse meio tempo, os monges católicos, os padres gregos e armênios se reuniram para alertar os turcos sobre o que estava acontecendo. Os primeiros fizeram os turcos acreditar que os maçons eram bruxos, os outros sacerdotes cismáticos, e que era um novo meio de fazer conversões e corromper os gregos e até mesmo os turcos.

O Senhor Effendi me mandou dizer, alguns dias atrás, que estava surpreso com essa inovação; que nossas capitulações, muito bem observadas, permitiam igrejas suficientes nos Estados do Grão-Senhor para não precisarmos buscar multiplicá-las; que havia aqui uma reunião de maçons que visavam a esse objetivo e que, sob o pretexto de fazer maçons, davam trinta escudos a quem quisesse se tornar um membro e então os incentivavam a se tornarem cristãos. Eu investiguei os fatos, que se mostraram todos falsos. Mas o que deu origem a isso, aqui está:

Os gregos cismáticos conquistaram várias pessoas de sua seita e alguns judeus para irem se apresentar naquela casa. Vários falaram com o Sr. de Balone, a quem propuseram se juntar a eles. Ele respondeu, pelo que me disseram, que não sabia o que lhe estavam pedindo. Informado dessas coisas, fiz responder ao Senhor Effendi que, de fato, havia uma Sociedade de maçons ingleses e franceses aqui, cujo objetivo era a entretenimento; que eles não se envolviam em política nem em religião, e que eu havia proibido qualquer reunião desse tipo.

O Senhor Effendi me fez repetir, poucos dias depois, que um francês morando nessa casa em Pera era um feiticeiro, segundo diziam, e que seria apropriado que eu o fizesse partir para a França. Eu respondi que não conhecia nenhum francês feiticeiro; aquele que ele mencionou veio à Turquia por curiosidade e, depois de satisfeita, partiu. De fato, desde a primeira insinuação do Senhor Effendi, eu procurei o Sr. de Balone e disse a ele que deveria partir imediatamente. Como não tinha um navio pronto disponível, eu o coloquei em segurança

até quinta-feira, quando ele deve partir para a França ou para a Itália. Pareceu-me bastante indeciso a esse respeito. Embora seja apenas uma bobagem, eu não quis que essa informação chegasse até você, talvez pelos meios de comunicação, com cores diferentes da verdade. Você verá, creio, com algum prazer, e a maneira pela qual o povo da igreja sabe como se livrar do que lhes dói os olhos, e até onde a ignorância dos turcos pode levar superstição, medo e credulidade, já que a coisa foi tão longe a ponto de fazê-los apreender que não se pretendia destronar o Grande Senhor por meio de feitiços.

No entanto, o Senhor Effendi me fez dizer que ele não acreditava em feiticeiros, mas que, em um país onde o povo é tão suscetível quanto neste, não se deveria permitir nada que pudesse causar incômodo ou fornecer pretextos para qualquer movimento.

P.S. - Eu escrevi ao Sr. Peyssonnet, cônsul em Esmirna, depois de saber que havia uma Loja maçônica naquela região, para impedir que os comerciantes franceses, caso haja algum que faça parte dessa Ordem, participem das reuniões⁵.

Certamente, deixamos ao signatário desta carta a responsabilidade pelas opiniões que ele expressa sobre a maçonaria e suas afirmações sobre os missionários católicos.

No século XVIII, encontramos ainda outros testemunhos da repulsa que a ortodoxia manifestava pela perniciosa Sociedade Secreta.

Este é primeiramente um sermão sobre a Natividade da Santíssima Virgem, pronunciado por Ephrem, o Atenense⁶, na época diretor de uma escola e pregador em Chipre, que faleceu em 1771 como patriarca de Jerusalém. Em relação à Imaculada Conceição de Maria, Ephrem critica os latinos e ataca um latino em particular, que pode representar todos os seus representantes. Nosso fervoroso orador se pergunta se esse maldito latino não seria "uma cria da nova fé infiel dos maçons", a quem ele chama de ψαρριατόνας (psarriatónas)⁷.

A nova fé infiel, diz ele, tem como fundamento a independência e não possui dogma além de seus caprichos. Por isso, ela admite judeus, turcos, calvinistas, armênios, latinos e até

⁵ Rabbath, op. et loc. cit.

⁶ Sobre este personagem, ver C. Sathas, *Νεοελληνική φιλολογία*. Athènes, p. 507-5 10.

C. Sathas, *Νεοελληνική φιλολογία*, é uma obra em grego que aborda a literatura neo-helênica. Nela, são discutidos diversos aspectos relacionados à cultura e à língua grega moderna. As páginas 507-510 contêm informações sobre o personagem mencionado.

⁷ A palavra "ψαρριατόνας" não possui uma tradução direta em português. É um termo específico usado pelo autor Ephrem l'Athénien para se referir aos latinos ou àqueles que ele associa à nova fé infiel dos maçons. Não há uma equivalência exata em português, mas pode ser interpretado como um termo pejorativo ou insultante usado por Ephrem para expressar sua visão negativa dos latinos e dos maçons.

mesmo ateus. Embora, por medo, esses maçons não falem contra os reis nem contra a religião, eles não aceitam autoridade, não reconhecem a Igreja, não acreditam na Escritura, que são obstáculos para sua independência, e suas leis reprimem sua vontade. A profundidade de sua malícia permanece oculta, pois sua ímpia religião de benevolência, chamada de "fé epicurista", é mantida como um grande segredo, desconhecida pelos outros e até mesmo pela maioria deles, apenas um pequeno número conhecendo plenamente sua perversidade. Sua imensa multidão, no entanto, cobriu todo o Ocidente, com a maioria das pessoas sendo atraídas pela curiosidade⁸.

Ephrem, como podemos ver, estava bem ciente do espírito e das manobras da Sociedade. Talvez houvesse alguma Loja maçônica em Chipre, assim como em Esmirna.

Os maçons, de fato, continuavam sua propaganda. Eles encontraram outro oponente na pessoa de Néophyte, um monge do Kansokalvbite, no Monte Athos, gramático e polemista, que viveu por muito tempo na Valáquia e morreu em Bucareste por volta de 1780. Zaviras menciona sobre ele uma obra intitulada "Sobre as chamadas tolices dos arrogantes" (Περί των λεγομένων αγκαζόνων), que ele viu como um manuscrito de Gabriel Kallonas, um padre falecido em 1755 em uma vila da Macedônia. Era um diálogo entre um cristão e um filósofo ou deísta, ou seja, um franco-maçom.

Destacamos, por fim, a carta sinodal de novembro de 1793, onde Néophyte VII condena severamente os erros filosóficos de Christodoulos Eustathion⁹. Antes de mencioná-lo, a Encíclica faz uma longa lista, bastante incompleta aliás, de antigas heresias e acrescenta para a época presente "esses órgãos de perfeita impiedade e ateísmo, os Voltairianos, os francos-maçons, os Rousseauianos e os Spinozanos", τους Βολταίρους λέγομεν καὶ Φρανκαζόνας καὶ 'Ροσσούς καὶ Σπινόζας (Os Voltaires, os francs-maçons, os Rousseaus e os Spinozas)¹⁰.

A frase é curiosa e, à primeira vista, poderíamos pensar que o patriarca tomou o título de maçom como um nome próprio. Mas sem dúvida alguma, maçons e deístas são, para ele, expressões sinônimas, assim como eram para Néophyte. Somente nos dias atuais, pelo menos em alguns países, a maçonaria abandonou a máscara do deísmo para se declarar abertamente hostil a qualquer ideia religiosa.

*

Qual é a situação atual da maçonaria no Oriente? É difícil ter uma visão clara disso devido à falta de documentos. Existem duas ou três Lojas em Constantinopla, no bairro de Péra,

⁸ Ευαγγελική σάλπιγξ. Leipzig, 1765, p. 373.

⁹ M. Gédéon, Κανονικά ! οίκατάξε :ς. Constantinople, 1888, t. Γ1, p. 273-2Ç

¹⁰ M. Gédéon, *ibid.*, p. 281.

que são frequentadas, especialmente desde a instalação do regime jovem-turco. Um dos membros dessas lojas foi o antigo metropolitano grego Ambroise de Césarée, que na época era o padre de São Nicolau de Djoubali. Encontram-se Lojas nas principais cidades do Império Otomano, Egito e nos Estados balcânicos. Já foi registrado nesta revista a reprovação feita pelos adversários de Dom Cyrille, metropolitano de Kition, atual arcebispo de Chipre, de que esse prelado faz parte da maçonaria¹¹.

Mas é no reino da Grécia, aparentemente, que a Sociedade fez mais progresso durante a segunda metade do século passado¹². Vamos revisar alguns documentos que chegaram ao nosso conhecimento, seguindo, tanto quanto possível, a ordem cronológica. À medida que mais informações nos chegarem, reservamo-nos o direito de informar posteriormente nossos leitores.

O primeiro documento é de autoria de um homem que seus correligionários consideravam prontamente como um poço de conhecimento, o falecido Denys Latas, arcebispo de Zante. Antes e depois de sua elevação ao episcopado, Denys Latas dirigia uma revista em Atenas, chamada Σιών (Sion), onde ele fazia o melhor que podia para responder às perguntas, às vezes bastante estranhas, que seus leitores lhe faziam sobre todos os tipos de assuntos. Um dia, foi-lhe solicitada sua opinião sobre a maçonaria, vinda de Corfu. Aqui está, fielmente resumida, sua resposta de 5 de dezembro de 1884¹³.

O prelado admite primeiramente que nunca se ocupou especificamente da maçonaria. No entanto, na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Grécia, ele conheceu muitos maçons, conversou longamente com eles e os ouviu afirmar que buscavam um único objetivo: o bem. Ele sempre lhes objetou que a Igreja fundada por Jesus Cristo havia recebido uma missão idêntica e que era suficiente para cumprir essa missão, mas não tinha motivo para se opor à sua afirmação.

Às vezes, ele os repreendeu pelo mistério que os envolve. Responderam-lhe que os princípios, o objetivo e os membros da Sociedade são conhecidos; que o segredo maçônico diz respeito apenas aos sinais de reconhecimento entre os maçons e tem como objetivo causar uma

¹¹ Ver Echos d'Orient, t. V, 1901-1902, p. 397, et t. XI, 1908, p. 344.

¹² De acordo com alguns jornais gregos e alguns francos-maçons, a Filiki Eteria que trabalhou pela independência grega em 1821 era na verdade uma Eteria maçônica. (Segundo o jornal "Gaiôn" de 1º de agosto de 1887, citado na revista "Siôn", ano f, nº 3ig.) [A organização Filiki Eteria, uma sociedade secreta fundada em 1814 com o objetivo de libertar a Grécia do domínio otomano e estabelecer a independência do país.]

¹³ Dans Σιών, ^ année, nº 189.

impressão mais profunda neles; que os costumes e rituais da maçonaria não têm nada que possa preocupar o Estado ou a sociedade.

Por fim, ele observou a alguns francos-maçons que a opinião comum, especialmente no Oriente, os considera hostis à religião e, em particular, ao cristianismo. Esses maçons responderam-lhe que eles buscavam apenas iluminar os seres humanos e combater a superstição, mas que não atacavam nenhuma religião, muito menos a religião cristã, e que em nenhuma de suas reuniões, em qualquer parte do mundo, discutiam questões religiosas.

Como conclusão, Latas repete que não sabe nada de positivo e certo sobre a maçonaria; que leu e ouviu muito a favor e contra ela; e, portanto, não pode falar bem nem mal dela.

No entanto, o prelado não deve ter mantido essa reserva em relação à maçonaria por muito tempo. Um de seus padres, que exercia o ministério paroquial há vinte anos, havia se tornado membro da Loja e prestado juramento maçônico. Diante desse escândalo, ele teve que falar, e o fez com energia em vários artigos na Σιών (Sion) e em um sermão pregado para seu povo em 10 de maio de 1887. Resumimos esses documentos.

Dom Latas afirma ter encontrado em Zante, quando assumiu seu cargo, várias Lojas e muitos maçons. Ele nunca se informou sobre a doutrina ou os princípios da maçonaria; inicialmente, poder-se-ia pensar que ele fazia isso por espírito partidário, e, em segundo lugar, alguns maçons eram seus amigos e, por delicadeza de sentimentos e para evitar discussões, ele nunca lhes pediu seus princípios e o objetivo que buscavam. Para ele, ele acreditava firmemente que o cristianismo continha o que havia de mais perfeito; que o Evangelho era o código mais excelente da vida humana e, portanto, qualquer outra sociedade, independentemente de seu código e princípios, seria sempre inferior e não poderia ser considerada por aquele que segue os preceitos do Evangelho.

Mas que um padre se torne maçom, isso é uma afronta ao clero, um escândalo para o povo. Além disso, que esse padre e outros maçons afirmem que membros oficiais do clero e do sínodo tenham prestado juramento maçônico, isso é insustentável, e é isso que o Dom Latas quer responder.

Veremos, diz ele, com base nos documentos e palavras dos próprios maçons, se seus princípios estão de acordo ou se opõem aos do cristianismo. Além disso, examinaremos se um padre que jurou ser ministro do Evangelho pode se afiliar a uma Loja e obedecer a seu líder¹⁴.

¹⁴ Dentro Σ·ών, année, n° 189.

Essa análise foi feita em um sermão pregado na metrópole de Zante em 10 de maio de 1887 (2). Alguns jornais haviam defendido o padre maçom, e o prelado prova a eles que um padre não pode de forma alguma pertencer à maçonaria, ser ao mesmo tempo anjo da luz e anjo das trevas, assumir deveres ocultos e misteriosos enquanto possui um ministério claramente definido. O padre, na medida do possível, deve ser liberado das preocupações do mundo e até mesmo da família, a fim de cumprir com dignidade seu sagrado ministério, conforme o juramento feito no dia de sua ordenação. É por isso que a Igreja Latina impõe o celibato aos seus padres, e ela está absolutamente certa nisso. Mas se afiliar à maçonaria, prestar juramento de obediência ao chefe maçom, é ir contra o Evangelho. Aquele que aceitou para sempre o jugo de Cristo não pode impor a si mesmo o da maçonaria. Não, em hipótese alguma, conclui Latas, um padre deve ingressar em uma Loja, um padre não deve se tornar maçom: jamais um sacerdote deve entrar na Loja, “jamais um padre deve se tornar maçom”¹⁵.

La doutrina dos maçons foi estudada em uma reunião (9 de maio de 1887) convocada pelo prelado, onde todo o clero estava presente. O padre maçom também estava lá. Alguns trechos de uma revista maçônica, Pythagoras (dezembro de 1882, n° 12), que relatava a recepção de um clérigo entre os neófitos da Loja, foram lidos, assim como fragmentos da história da maçonaria escrita pelo Venerável .? de Zante, Othon Rentzos. Os padres foram convidados a dar sua opinião. Todos declararam que os princípios enunciados não eram outros senão os do livre pensamento; que a moral maçônica, não tendo como base nenhum dogma do Evangelho, só poderia ser uma moral imperfeita, errônea e perniciosa; que apenas a perfeição cristã revelada por Jesus Cristo no Evangelho era o ideal da humanidade; que, do ponto de vista doutrinário, há uma incompatibilidade absoluta entre a maçonaria e o cristianismo, já que ela rejeita os dogmas e os mistérios da religião cristã; em resumo, que a maçonaria é uma seita anticristã. Do ponto de vista social, maçom e ímpio são sinônimos para o povo; quando alguém quer insultar gravemente outra pessoa e acusá-la de ateísmo, ele simplesmente é chama de maçom. Por todas essas razões, o padre Jean Stratis, ao prestar o juramento maçônico, cometeu um grande crime e causou um grave escândalo. Portanto, ele deve agora retirar seu juramento e pedir perdão por seu erro¹⁶.

¹⁵ Nota tradutor. A frase grega que você mencionou é uma afirmação do prelado no final do texto: "ποτέ νερευς εις τήν Στοαν των Ἰλαλ-ίωνων ποτέ ὁ Παπάς εις τήν Αόντζαν ποτέ Παπάς σώνος." A tradução para o português seria: "Nunca um padre deve entrar na Loja dos Maçons, nunca um padre deve se tornar maçom."

¹⁶ Σιῶν, 7e année, n° 315.

Após a reunião, cujo relato ocupa quatro páginas do jornal, esse foi o resultado resumido. O padre não se submeteu e declarou ser maçom e continuar sendo maçom. Ele foi convocado perante o santo sínodo em Atenas. Lá, ele reconheceu seu erro, retirou seu juramento e não foi inocentado, como alguns jornais mais ou menos dedicados à causa maçônica afirmaram, mas foi absolvido. O arcebispo de Zante aceitou a decisão de seus superiores hierárquicos, embora duvidasse da sinceridade do padre. De qualquer forma, devido ao escândalo ocorrido em toda a ilha e atendendo ao pedido de todo o seu clero, o padre Jean Stratis seria proibido em sua diocese¹⁷.

Parece que o maçom tinha poderosos protetores em posições elevadas. Em 28 de maio de 1888, Latas, que estava prestes a partir em uma peregrinação a Jerusalém, foi convocado perante o santo sínodo e fortemente instado a suspender a proibição do padre. Ele respondeu que preferia ter as mãos cortadas, ser enforcado na Praça da Constituição, do que assinar tal permissão. O prelado embarcou para a Palestina. No dia seguinte, aproveitando-se, aparentemente, de sua ausência, o santo sínodo escreveu ao representante do arcebispo em Zante, ordenando que reintegrasse imediatamente o padre Jean Stratis. Obedeceram, e, ao retornar, Latas proibiu seus padres de discutir essa questão no futuro. O assunto foi enterrado para sempre; não se falou mais sobre isso.

Isso é o que pudemos encontrar de interessante sobre a maçonaria e a Igreja grega. Em nossa opinião, poucos bispos na Grécia se envolveram com essa seita. Talvez eles não tenham percebido sua influência perniciosa e a tenham considerado uma instituição filantrópica e filosófica. Talvez também, influenciados por ideias racionalistas ou protestantes devido a estudos na Alemanha e na Suíça, alguns membros do alto clero ortodoxo olhem para a propaganda maçônica com indiferença. Certamente, no entanto, os principais centros da Grécia possuem suas Lojas maçônicas, e não conhecemos nenhum documento emitido pelo santo sínodo de Atenas que condene a maçonaria.

E. Nésiotés
Phanaraki

¹⁷ Ibid., j' année, n° 3 17.